

CÂNCER

ANM debate inovação para o tratamento

Acadêmico Gilberto Schwartsmann proferiu conferência sobre os desafios no desenvolvimento de novas técnicas e drogas

DA REDAÇÃO

Em Sessão Científica realizada na última quinta-feira, na Academia Nacional de Medicina (ANM), o acadêmico Gilberto Schwartsmann - chefe do Serviço de Oncologia do Hospital de Clínicas e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - proferiu a conferência Desafios no Desenvolvimento de Novos Tratamentos Anticâncer no Brasil, apresentando o projeto sobre o potencial anticâncer que a modulação dos receptores do fator de liberação da gastrina (GRP) poderia representar, tanto para o tratamento, quanto para utilização na etapa de diagnóstico.

De acordo com a ANM, as pesquisas preliminares mostraram que a presença destes receptores em grande quantidade leva ao crescimento dos tumores e, assim, o objetivo da iniciativa foi o desenvolvimento de uma droga para bloqueá-los. O palestrante destacou que a análise foi feita não apenas em casos de câncer importantes em países desenvolvidos, mas também naqueles de relevância no mundo de baixa renda, como de colo de

útero, melanoma, pulmão, carcinoma hepatocelular, próstata e sistema nervoso central.

Os estudos clínicos em humanos, destacados pela revista Nature, provaram que a droga, a primeira anticâncer testada no Brasil, era considerada segura. Schwartsmann salientou que os resultados, no entanto, foram além e a molécula estudada como anticâncer levou, também, a outras possibilidades médicas. A partir de relatos de uma paciente, foram reconhecidos benefícios anti-inflamatórios relevantes em casos de doenças reumatóides e de outras inflamações, com um consequente depósito de patente neste campo.

A identificação de uma grande concentração de receptores do fator de liberação da gastrina em regiões do sistema nervoso central, como na amígdala e no hipocampo (responsáveis pela memória emocional), fez com que o conferencista e sua equipe se considerassem se a inibição destes receptores poderia imitar alguma doença psiquiátrica, afetando a retenção de memória afetiva e resposta foi positiva, pois testes em animais

mostraram comportamentos de indivíduos com isolamento social. Lembrando as descobertas como emocionantes, o palestrante explicou que os resultados dos primeiros estudos de caso foram positivos e desencadearam uma nova patente com a aplicação do GRP como tratamento do espectro autista, de estereotípias e de outras doenças relacionadas, tendo, em uma nova etapa de testes, 35 % dos pacientes apresentando melhora, um índice considerado alto.

Schwartsmann também elencou os próximos desafios do projeto, que são o desenvolvimento de uma nova formulação da droga para uso crônico, a confirmação da relevância do GRP como alvo molecular nestas doenças e a realização de estudos mais enriquecidos. Ao final da Sessão, o debate, coordenado pelo presidente da ANM, Francisco Sampaio, destacou a importância da conectividade entre as mais diversas áreas da Medicina, tendo em vista o início de um estudo na área da oncologia que vem tendo resultados, também, nos campos das doenças reumatóides e da psiquiatria.